

FOLHAS DO CERRADO NO PARQUE NACIONAL DA SERRA DO CIPÓ, UM JOGO.

Fernanda Carmelita Fonte Boa Rabelo (fcarmelita@gmail.com)¹
Kátia Torres Ribeiro²

1 - Graduada do curso de Ciências Biológicas – Licenciatura e Bacharelado em
Gestão Ambiental – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Núcleo
Universitário Betim.

2 Analista Ambiental

Resumo

Um grande desafio em muitas unidades de conservação abertas à visitação, é despertar nos diversos tipos de visitantes uma maior compreensão do ambiente a sua volta e de sua importância ecológica. Uma ferramenta interessante é a elaboração de cartilhas educativas. O Parque Nacional da Serra do Cipó, localizado em Minas Gerais, próximo à região metropolitana de Belo Horizonte, recebe centenas de visitantes nos feriados, fins de semana e períodos de férias. Possui algumas trilhas abertas à visitação, que vão aos pontos turísticos sem a participação de um guia, vistas muitas vezes como um obstáculo a ser enfrentado pelos visitantes, fato explicado pela longa distância do percurso como, por exemplo, na trilha que vai para a Cachoeira da Farofa, sendo 8 quilômetros ao todo. Com objetivo de despertar o interesse dos visitantes, desenvolveu-se um guia que oferece uma fonte de informação sobre o bioma presente no percurso, sendo também um aliado para a interpretação ambiental. O guia propõe um jogo no qual o visitante tenta descobrir, através dos desenhos das folhas, a árvore ou arbusto correspondente. Os desenhos das folhas foram obtidos pela técnica do decalque em papel com uso de lápis preto, escaneados e depurados em computador. Foram escolhidas 15 árvores típicas da vegetação de cerrado, com o intuito de valorizá-las, chamando atenção para sua diversidade de formas. Valorizou-se também a diversidade de usos medicinais e culturais com as várias partes destas plantas. O envolvimento da comunidade foi fundamental na elaboração do guia, principalmente no reconhecimento das espécies alvos e curiosidades a respeito.

Palavras chaves: Jogo; folhas do cerrado; Parque Nacional da Serra do Cipó; trilhas interpretativas.

INTRODUÇÃO

O Parque Nacional da Serra do Cipó, Minas Gerais, localizado no sul da Serra do Espinhaço, entre os municípios de Jaboticatubas, Santana do Riacho, Morro do Pilar e Itambé do Mato Dentro, a cerca de 100 quilômetros de Belo Horizonte, possui uma área aproximadamente de 33.800 hectares (NETO e JUNIOR, 2002). Tem como vegetação predominante os Campos Rupestres, assim como porções bem preservadas de Cerrado. É conhecido por suas vastas riquezas naturais e paisagens deslumbrantes, além de ser berço de diversas espécies endêmicas. Recebe centenas de visitantes nos feriados, fins-de-semana e período de férias. Possui algumas trilhas abertas à visitação, e os turistas vão aos pontos turísticos sem a participação de um guia, ou de algum conhecedor daquele ambiente. As trilhas são vistas muitas vezes como um obstáculo a ser enfrentado pelos visitantes, fato explicado pela longa distância do percurso como, por exemplo, o que leva à Cachoeira da Farofa, com oito quilômetros.

Um grande desafio em muitas unidades de conservação abertas à visitação, como o caso Parque Nacional da Serra do Cipó, é despertar-nos diversos tipos de visitantes uma maior compreensão do ambiente a sua volta e de sua importância ecológica. A falta de hábito em apreciar e compreender os atributos de uma área natural, faz com que muitos usuários tragam seus hábitos urbanos para a área visitada, de modo a fortalecer a emoção que buscam em contato a mesma, requisitando-a, então, para a realização de churrascos, consumo de bebidas e uso de equipamentos sonoros (MAGRO e FREIXÊDAS, 1998).

Para integrar o visitante à área natural, Guimarães (2001) relata que resultados de atividades que buscam a interpretação ambiental geram quase sempre novas experiências que desestabilizam os níveis de conhecimento anteriores dos participantes, onde muitas vezes são fundamentados em incongruências e distorções relacionadas ao

meio ambiente. As trilhas interpretativas podem ajudar na assimilação de um conhecimento estruturado sobre o ambiente natural através da experiência direta. Tais atividades devem se basear em técnicas que proporcionem o experienciar direto, imediato e simples, despertando a curiosidade do visitante sobre os recursos naturais, vale também ressaltar a exuberância do ambiente (GUIMARÃES, 2001). Uma ferramenta interessante para as trilhas interpretativas é a elaboração de livretos educativos que possam ser usados em campo.

O Cerrado muitas vezes é visto como um bioma sem graça por suas características peculiares como árvores baixas e tortas, com casca grossa e folhas quase sempre ásperas, que contrastam com as características de árvores de mata, onde a altura das mesmas encanta muito dos visitantes deste bioma.

A desvalorização também pode ser explicada pelo fato da grande expansão agrícola através da monocultura de grãos e pecuária extensiva no Cerrado (RIGONATO e ALMEIDA, 2003), constituindo-se em uma fronteira agropecuária, que de certa forma substituiu a Amazônia como este espaço, e da exclusão do capítulo sobre meio ambiente na Constituição Federal de 1988, segundo Ribeiro (2005).

Pensando nisso, foi desenvolvido um livreto que constitui uma fonte enxuta de informação sobre o bioma presente no percurso da trilha da cachoeira da Farofa, o Cerrado em suas mais diversas fisionomias, buscando valorizá-lo, com o objetivo de que seja um aliado para a interpretação ambiental. As informações são expostas de modo bastante informal, com curiosidades a respeito das espécies de plantas abordadas e de suas utilidades de acordo com a cultura local, e enfoca a identificação das plantas a partir de suas partes vegetativas – folhas e troncos – beneficiando-se da facilidade de observação das árvores de Cerrado, por estarem inseridas na maioria das vezes em campos abertos e sendo de estatura baixa, ao contrário das de mata.

O guia propõe um jogo, onde são apresentadas as folhas de 15 espécies facilmente encontráveis ao longo da trilha para a cachoeira da Farofa, organizadas dentro de suas respectivas famílias, de acordo com LONENZI (2000, 2002), sendo elas: Araticum (*Annona coriacea*), Pequi (*Caryocar brasiliense*), Barbatimão (*Stryphnodendron adstringens*), Jacarandá caviúna (*Dalbergia miscolobium*), Jatobá (*Hymenaea stigonocarpa*), Pau d'óleo (*Copaifera langsdorffii*), Sucupira branca (*Pterodon emarginatus*), Sucupira preta (*Bowdichia virgilioides*), Vinhático do campo (*Plathymenia reticulata*), Pixirica (*Miconia stenostachya*), Cagaitera (*Eugenia dysenterica*), Gabiroba do Campo (*Campomanesia adamantium*), Lobeira (*Solanum lycocarpum*) e Pau terra (*Qualea grandiflora*). Por meio dos desenhos, o visitante deve reconhecer as plantas e em seguida, após uma observação mais cuidadosa, poderá ver uma prancha com as fotos dos troncos e caules das espécies tratadas e tentar adivinhar qual corresponde à planta observada. Um gabarito em letras pequenas é fornecido no fim da prancha, para que o observador possa comprovar se a espécie encontrada corresponde com a da prancha de fotos. Uma tabela de frequência que serve como uma auto-avaliação da percepção do observador funciona como uma maneira de incentivar a procura de mais plantas correspondentes. Alguns termos mais complexos foram utilizados no decorrer do texto e marcados em negrito, sendo listados em um pequeno glossário (ver figura 1).

Os desenhos foram obtidos pela técnica de decalque em papel com uso de lápis preto, escaneados e depurados em computador. Foram escolhidas árvores típicas da vegetação de Cerrado, com o intuito de valorizá-las, chamando atenção para sua diversidade de formas. A população do entorno da Serra do Cipó guarda muitas informações sobre os possíveis usos das plantas do Cerrado, e buscando valorizar também a diversidade de usos medicinais e culturais de várias partes destas plantas,

muitas informações sobre estes usos foram obtidas através de entrevistas com funcionários do parque, membros da brigada de incêndio, que são moradores da região em regime de contrato temporário com o parque, e alguns moradores da região, com destaque para Dona Mercês, liderança local. Após, foi desenvolvida uma breve lista de utilidades das plantas na região, e alguns destes depoimentos foram inseridos no decorrer do texto, como por exemplo: *“A gente tem o vinho, é um remédio! Faz um buraco na casca e tampa e no outro dia tira o vinho. Serve para tudo figado, rim, sangue..” Dona Mercês, moradora do Açude.* E juntamente com informações extras sobre o Cerrado, na forma de “Você sabia”, abordando os efeitos do fogo e estruturas

Jatobá (*Hymenaea stigonocarpa* – jatobá do cerrado)

Árvore com altura de 15 a 20 metros. Seu tronco é bem resistente, com madeira dura para o corte, infelizmente, muito utilizada na construção civil. É uma árvore de fácil multiplicação por sementes. Suas folhas são compostas de dois **folíolos**. O fruto possui uma “farinha” comestível e de odor característico. Sua seiva pode ser usada na elaboração de medicamentos para reumatismo. É uma planta que pode crescer tanto em áreas com grande exposição solar como na sombra, pouco exigente de fertilidade do solo. Tem ampla distribuição no país e é característica do Cerrado.

De acordo com o conhecimento local: *“A gente tem o vinho, é um remédio! Faz um buraco na casca e tampa e no outro dia tira o vinho. Serve para tudo figado, rim, sangue..” Dona Mercês, moradora do Açude.*



O tamanho real da folha pode variar, assim como o formato de suas pontas, podendo terminar pontiagudo

Figura 1: Exemplo do conteúdo do livreto mostrando como suas informações são apresentadas.

subterrâneas das plantas. (Figura 1).

O envolvimento da comunidade foi fundamental na elaboração do guia, principalmente no reconhecimento das espécies alvos e curiosidades a respeito, deixando seu texto mais fluido para ser trabalhado com um público variado. Tal fato se ilustra como uma ferramenta eficaz tanto para o desenvolvimento de projetos de educação ambiental como para o seu sucesso.

Em experiência com estudantes do municipal, local, observamos espantados todas as plantas serem localizadas com extrema rapidez, mostrando o conhecimento do Cerrado, mas não necessariamente, do seu valor. Tais crianças moram na região, e por convivência com este tipo de vegetação podem apresentar mais facilidade em

reconhecer as espécies do que outras que moram em áreas mais urbanizadas. Portanto, novas experiências com um público mais variável ainda devem ser realizadas, para a adequação do mesmo de acordo com o perfil dos visitantes. O livreto ainda não foi impresso para distribuição, estando em fase de aprimoramento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GUIMARÃES, Solange T. de Lima. **Educação Ambiental em Ação**. Entre Trilhas e Pausas Interpretativas [ou como não chegar ao fim desta trilha...], n. 11, dez. 2001. Disponível em: <<http://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=272&class=04>>. Acesso em 04 de março de 2008.

GUIMARÃES, Solange T. de Lima. **Trilhas interpretativas e vivências na Natureza**: reconhecendo e reencontrando nossos elos com a paisagem. Depto. Geografia – IGCE/UNESP, Rio Claro, [200-]. Disponível em: http://www.ambiente.sp.gov.br/ea/adm/admarqs/Solange_Guimaraes01.pdf>. Acesso em 01 de março de 2008.

LORENZI, Harri. **Árvores brasileiras**: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. 3.ed. São Paulo: Plantarum, 2000. nv.

LORENZI, Harri. **Árvores brasileiras**: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. 4. ed. São Paulo: Plantarum, 2002. nv.

MAGRO, Teresa Cristina; FREIXÊDAS, Valéria Maradei. Trilhas: Como facilitar a seleção de pontos interpretativos. **Circular Técnica da IPEF**. n. 186, set. 1998. Disponível em: <<http://www.carpedien.tur.br/trilha.pdf>>. Acesso em 13 de março de 2008.

NETO, João Augusto Alves Meira; JÚNIOR, Almicar Walter Saporetti. Parâmetros fitossociológicos de um Cerrado no Parque Nacional da Serra do Cipó. **Revista da Árvore**. n. 5, v. 26. set./out. 2002.

RIBEIRO, Ricardo Ferreira. **Florestas anãs do Sertão**: o Cerrado na história de Minas Gerais. 1. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2005. 1 v.

RIGONATO, Valney Dias; ALMEIDA, Maria Geralda de. A Singularidade do Cerrado: a interrelação das populações tradicionais com as fitofiosionomias. In: EREGEO, 8, Goiás, out. 2003. Disponível em: <http://www.observatoriogeogoias.com.br/observatoriogeogoias/artigos_pdf/DIAS%20_4_,%20Valnei%20Rigonato.pdf>. Acesso em 13 de março de 2008.